



Análise e Compreensão do Socialismo do Ponto de Vista Semiótico ¹

Francisco Carlos Vieira de Sá ²

Tassiara Baldissera CAMATTI³

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO

Na época em que vivemos, em meio a uma grave crise econômica, voltam à tona antigas teorias sociais, que ressurgem como solução. É o caso do Socialismo Científico, ideologia criada por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) e que ainda hoje é seguida ou criticada ao extremo. É inegável que esse sistema causou males no passado e que hoje exista uma visão totalmente negativa acerca da doutrina. Por isso, esse artigo se propôs a analisar o tema, partindo da obra dos sociólogos em comparação com a concepção atual sobre o Socialismo, utilizando-se da Semiótica, uma ciência jovem e ainda em formação, mas que pode fornecer instrumentos para uma compreensão límpida, sem ideologias. Ao mesmo tempo, o uso da Semiótica como método de pesquisa está em teste.

PALAVRAS-CHAVE: Socialismo; Semiótica; História.

1.Introdução

Estamos no ano de 2009, e ainda assim, em pleno século XXI, temos que conviver com inúmeros problemas sociais no mundo todo. A humanidade, mesmo com um longo período de existência, ainda não conseguiu resolver problemas como a fome, a violência, a destruição do meio ambiente, o abandono de crianças e vários outros. Recentemente, o planeta vem sendo assolado por uma grave crise financeira, que traz como consequência direta o desemprego, e junto com ele ceifa-se a chance de milhões de pessoas buscarem sua sobrevivência.

Motivos não faltam e nunca faltarão para dizer que vivemos em um sistema que, embora seja tão complexo, é extremamente frágil, já que determinado problema em algum lugar do mundo representa decadências em efeito dominó. Porém passamos por um longo processo histórico para chegarmos nesse patamar, e tivemos outros modos de produção e organização da sociedade, como o Feudalismo, por exemplo. Vários teóricos

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Relações Públicas, da UCS, email: fcvs@ucs.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UCS, email: tbcamatt@ucs.br



já afirmaram com argumentos claros e precisos o fracasso e a ineficiência do Capitalismo existente hoje no mundo, propondo soluções e mudanças imediatas para que todas as pessoas tenham direitos iguais garantidos.

Karl Marx foi um dos estudiosos a contrariar o modelo existente, mas isso ainda no século XIX. No entanto, Marx pareceu prever o que estava por vir, e propôs um novo sistema para a humanidade, que certamente causou profundas mudanças e transformações no cenário mundial: o Socialismo.

No entanto, como percebido ao longo da história, Marx jamais foi bem compreendido, e tudo o que ele realmente propôs nunca aconteceu de fato. A concepção que existe atualmente nada tem a ver com os ideais do autor, já que o Socialismo é ligado a mortes, ineficiência, ditadura e até mesmo ao nazismo.

Mas afinal por que ocorreu esse tipo de mutação em relação ao significado do Socialismo? Estaria Marx realmente se expressando mal e induzindo as visões atuais sobre o sistema? Para responder a esse tipo de questão, que tal recorrer à Semiótica? Como teoria geral dos signos, essa ciência pode auxiliar na interpretação da obra de Marx e também nos significados atuais de Socialismo, buscando entender os processos semióticos que podem ter ocorrido nessa mudança de sentido. Estudar signos representa estudar todas as coisas que significam, ou seja, que substituem a outras.

Dessa forma, realiza-se aqui uma verdadeira experiência com os signos apontados atualmente em relação ao Socialismo, juntamente com a teoria marxista, baseada no livro “O Manifesto do Partido Comunista” e com os conceitos semióticos de Greimas e Peirce, com o objetivo de utilizar na prática a Semiótica através do estudo do Socialismo.

2.Semiótica: um mecanismo de análise e interpretação

Pode-se definir Semiótica como o conjunto de teorias relacionadas ao signo (de *semeion* – signo, em grego), que pode ser considerado como qualquer coisa que está representando outra, que substitua ou nos remeta a outra. Essa ciência preocupa-se em estudar os fenômenos culturais como sistemas sígnicos, a exemplo da música, artes visuais, fotografia, etc., analisando os processos de significação.

Encontrar uma definição comum ou uma teoria considerada padrão é uma tarefa árdua, na qual inúmeros cientistas têm se dedicado durante muitos anos, sem que exista um conceito determinado e sim vários estudos de diferentes autores que ora se



complementam, ora se contrariam, buscando o lugar comum diante da investigação e análise dos signos.

Platão e Aristóteles foram os primeiros a estudar Semiótica (séc. V/IV a.C.) seguidos por Santo Agostinho (354-430). O termo Semiótica, porém, começa a ser empregado com Galeano de Pérgamo (139-199), que considera o diagnóstico como a parte semiótica da medicina, já que determinado sintoma é o signo de determinada anomalia existente por trás, assim como a febre pode indicar gripe.

A primeira menção explícita sobre Semiótica só ocorre com John Locke (1632-1704), que postulou uma doutrina dos signos. Embora Locke não tenha utilizado o termo sistematicamente, abriu caminho para que, no fim do séc. XIX e início do séc. XX estudiosos se dedicassem ao tema e o transformassem em uma verdadeira ciência.

Inicialmente, dois estudos foram desenvolvidos quase paralelamente. Ambos são a base da semiótica moderna: a semiologia de Ferdinand de Saussure e a semiótica de Charles S. Peirce.

Saussure teve seu trabalho focado em signos verbais, criando a corrente semiótica lingüística. Para ele, a lingüística, uma ciência mais antiga, deveria dar suporte à construção da Semiótica. Seu caminho foi seguido posteriormente por semiótico-linguistas como Barthes, Lévi-Strauss, Mukarovski e, em especial, Algirdas Julien Greimas, que oferece o suporte para nossa avaliação semiótica. Para Greimas, fundador da Escola de Semiótica de Paris, a semiótica não era apenas uma teoria geral dos signos e sim uma teoria dos processos de significação, preocupando-se com o que o texto diz e como faz para dizer o que diz. Seus estudos centram-se no percurso gerativo de sentido, ou seja, o caminho trilhado para a existência de sentido e significação, através do qual o texto é compreendido e analisado por meio de sua própria estrutura. O percurso é formado por enunciador, enunciado, enunciatário e os planos de expressão e de conteúdo. Greimas hierarquizou o percurso em três níveis, como veremos mais adiante.

Já Peirce, originador da corrente peirceana, preferiu estudar todos os fenômenos de significação – daí a importância de sua abordagem, para as imagens apontadas aqui. O teórico era dotado de uma visão pansemiótica: tudo o que o homem vê e concebe por Universo é semiótico, bem como sua forma de viver e interagir com esse Universo. Para ele, o homem significa tudo o que o cerca numa concepção triádica: Primeiridade, que é a correspondência superficial e imediata que temos; Secundidade, que provém do pensamento e reflexão desenvolvidos imediatamente após a visualização



desse objeto, quando o vimos com maior profundidade; e a Terceiridade, onde ocorre a interpretação e representação dos fenômenos, e sua devida contextualização e previsão futura. Conhecendo essas categorias, Peirce estabeleceu o conceito de Relação Sígnica, na qual afirma que todo o signo é formado por um objeto (aquilo que é referido pelo signo), pelo *representamen* (o que funciona como signo para quem o percebe) e pelo interpretante (o efeito do signo em quem o interpreta). Dessa forma, o autor tentou classificar os signos através de três pontos de vista e três tricotomias (PEIRCE, 1977, p. 53 e 54): signo em si: *qualisigno* (qualidade que é um signo), *sinsigno* (evento ou coisa real que é um signo) e *legisigno* (lei que é um signo); signo em relação ao objeto: *Ícone* (signo semelhante ao objeto), *índice* (indício ao objeto) e *símbolo* (signo convencionado em relação ao objeto); e signo em relação com o interpretante: *rema* (termo impassível de averiguação da verdade), *dicissigno* (proposição que nos remete à confirmar veracidade) e *argumento* (veracidade evidenciada e comprovada).

3. Surgimento e Expansão da Doutrina Socialista

O Socialismo surgiu a partir de meados do século XIX, decorrente da Revolução Industrial vivenciada pela Inglaterra e espalhada para toda a Europa. A cidade foi substituída pelo campo, fábricas cheias de máquinas são estabelecidas no lugar de artesãos e surgem as primeiras linhas de produção. Duas novas classes se desenharam: burgueses e proletários. O operariado esteve sempre submetido a péssimas condições de vida: trabalho de 14 a 18 horas por dia, sete dias por semana, com uma ou duas pausas, em ambientes sujos, mal-iluminados e mal-ventilados, sem banheiro nem refeitório. Se um homem ganhava pouco, as mulheres e as crianças, extremamente exploradas, ganhavam menos da metade. As famílias viviam em cômodos minúsculos e não muito diferentes das fábricas: a cólera e o tifo se alastraram.

Contra essa escravidão, os operários inicialmente se reuniram para destruir as máquinas. Tempos depois, organizaram-se em associações e passeatas, que deram origem aos sindicatos. Uma dessas associações era a Liga dos Comunistas, surgida em 1836 com o nome de Liga dos Justos, organização secreta, espalhada já em três países e bem estruturada. A associação ganhou ímpeto com a entrada de dois jovens filósofos, em 1845: Karl Marx e Friedrich Engels. Suas experiências através dos jornais de sua autoria, como a *Gazeta Renana* lhes deram experiência suficiente para redigir o programa político da organização, papel que foi a eles encarregado. Assim nasceu o



“Manifesto do Partido Comunista”, livro onde os ideais dos jovens revolucionários se estenderam como um verdadeiro manual de instruções para acabar com a desigualdade social. O conceito máximo da obra está na análise histórica das opressões sociais durante a trajetória da sociedade, onde o agente transformador seria a luta de classes. Na era capitalista, a opressão ocorria entre burgueses e operários, os quais deveriam provocar uma revolução para chegar ao domínio da sociedade e promover a igualdade através do fim da propriedade privada por meio da implantação do comunismo, onde o Estado não existe, tampouco as opressões de uma classe sobre a outra.

Não levou muito tempo para que a teoria se alastrasse: a Liga fundou a Associação Internacional dos Trabalhadores, que provocou a primeira tentativa de revolução, que resultou na Comuna de Paris, mas não por muito tempo. A disputa de ideologias com o anarquismo já distorcia o marxismo. A Primeira Internacional fracassou, logo veio a segunda, conservadora, que defendia o Socialismo alcançado por votos, pela via parlamentar. Fracassou com a primeira Guerra Mundial, e encontrou a oposição de Rosa Luxemburgo (Polônia) e Leon Trotski (Rússia). Este último levou a ideologia a seu país, que, em 1917 se encontrava arrasado pela guerra, com uma Monarquia ineficiente e trabalhadores em condições subumanas. Lênin e Trotski, que lideravam o partido Bolchevique, promoveram uma revolução socialista e chegaram ao poder, instaurando o comunismo. Em 1922, a Rússia passou a se chamar URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A morte de Lênin, em 1924, transformou o sonho comunista em pesadelo. Stálin assumiu seu lugar, assassinou Trotski e implantou uma duríssima ditadura socialista e um novo método de imperialismo que representou uma ameaça ao resto do mundo. A URSS tornou-se uma superpotência armada. O mundo esteve dividido entre dois grandes e antagônicos blocos: o capitalista e o socialista, originando a Guerra Fria e com ela o risco de uma terceira Guerra Mundial, nuclear, mais catastrófica e que poderia iniciar a qualquer momento. O risco só acabou quando a URSS declarou sua própria falência, em 1991. O mundo pôde respirar aliviado, mas Marx certamente não teria gostado nada disso se estivesse vivo.

Com os rumos que o Socialismo seguiu durante a história, é impossível acreditar hoje que esse sistema apenas defendia igualdade. A doutrina de Marx jamais foi seguida à risca e nunca foi bem compreendida, nem pelos trabalhadores da época, tendo sido utilizada para outros fins. A concepção atual sobre o assunto está ligada à ditadura, a mortes e repressão. Nesse contexto, insere-se a Semiótica, de maneira



experimental, para uma compreensão dos fatos e da mudança de sentido por parte da ideologia. Com o auxílio dos livros, da internet, da opinião de algumas pessoas e com o livro “sagrado” dos comunistas em mãos – Manifesto Comunista – partimos para uma tentativa de análise semiótica, direcionada em duas partes: a primeira enfoca o Manifesto, com o uso do percurso gerativo de sentido de Greimas, a segunda trabalha com Peirce, abordando signos associados na atualidade e classificando-os conforme o modelo teórico do autor. Essa experiência é totalmente imprevisível.

4. Análise semiótica sobre o “Manifesto do Partido Comunista”

A obra de Karl Marx e Friedrich Engels é formada por quatro capítulos. No primeiro, intitulado “Burgueses e Proletários”, os autores afirmam a tese de que “a história de toda a sociedade é a história da luta de classes” (MARX e ENGELS, 1988, p.66), e que a burguesia apenas estabeleceu uma nova maneira de oprimir. Seu fim seria inevitável, já que, ao impor condições tão precárias de vida aos trabalhadores, a burguesia estaria construindo seus próprios coveiros. No capítulo seguinte, caracteriza-se o trabalho dos comunistas, que na verdade são parte do proletariado, possuindo o mesmo interesse: o fim da divisão social em classes. Nesse capítulo, Marx e Engels rebatem todas as críticas acerca do movimento, bem como desmentem e desmistificam muitos preconceitos existentes sobre o comunismo. O capítulo III, “Literatura Socialista e Comunista”, apresenta os socialismos pré-existentes: o feudal, o pequeno burguês, o alemão, o burguês e o utópico. Todos minuciosamente criticados pelos autores, seja pela falta de argumentos e soluções, seja por defender certas classes sem querer provocar a mudança necessária. Destaque para o socialismo burguês, que proclamava melhores condições de vida para os operários, para que não incomodassem, o que realmente aconteceu. Por fim, o último capítulo é fiel ao seu título, “Posição dos Comunistas diante dos Diversos Partidos de Oposição”, que faz um fechamento das idéias anteriores e convoca os proletários a unirem-se ao ideal comunista.

Seguem alguns trechos da obra:

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestres e companheiros, numa palavra, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre ou com uma revolução ou com o declínio comum das classes em luta. (MARX e ENGELS, 1988, p.66).

Esboçando as fases mais gerais do desenvolvimento do proletariado, seguimos a guerra civil mais ou menos oculta dentro da sociedade atual, até o momento em que ela explode numa revolução aberta e o proletariado funda sua dominação com a retomada violenta da burguesia. (MARX e ENGELS, 1988, p.77).

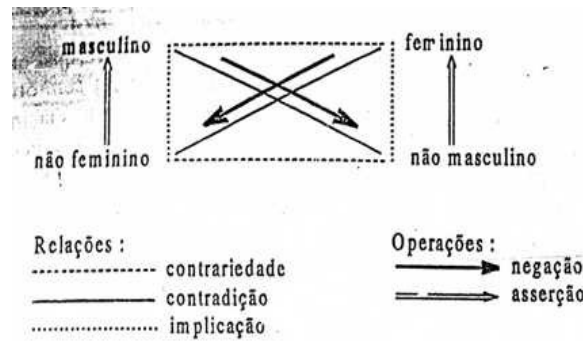
Os comunistas recusam-se a ocultar suas opiniões e suas intenções. Declaram abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados com a derrubada violenta de toda ordem social até aqui existente. Que as classes dominantes tremam diante de uma revolução comunista. Os proletários não têm nada a perder a não ser suas cadeias. Têm um mundo a ganhar. *Proletários de todos os países, uni-vos!* (MARX e ENGELS, 1988, p.99)!

Nesse momento entra a Semiótica. Através do percurso gerativo do sentido, analisa-se a ideologia comunista. Primeiramente, estabelecemos seus elementos constituintes:

- 1) Enunciador/ narrador: neste caso, Karl Marx e Friedrich Engels. São os “diretores da encenação”, os criadores da “história”, determinam os personagens e seus percursos. É importante verificar aqui que “[...] o enunciador e o enunciatário não estão jamais presentes em um texto” (FLOCH, 2001);
- 2) Texto/ enunciado: *O Manifesto do Partido Comunista*;
- 3) Enunciatário/ narratário: de imediato, os participantes da Liga dos Comunistas, abrangendo também todos os trabalhadores;
- 4) Plano de expressão: por se constituir das articulações e seleções entre as qualidades sensíveis da linguagem, podemos dizer que surge da relação entre operários e burgueses;
- 5) Plano de conteúdo: é o plano que nasce das relações existentes no plano de expressão e onde as idéias são encadeadas.

Agora, iniciamos o percurso gerativo do nível fundamental ao discursivo. Como já relatado, o nível fundamental se constitui de relações de contrariedade e oposição, que são bem explícitas na teoria marxista: proletários *versus* burgueses. Esse nível é representado pelo Quadrado Semiótico, ferramenta de análise através da qual se demonstram as relações básicas dos elementos principais do texto, de onde surgem as condições para o discurso. Eis um exemplo.

Figura 1: O Quadrado Semiótico.



FONTE: FLOCH (2001, p.20)

Portanto, essa representação visual explora as relações de contrariedade e contradição. Os dois termos estão em relação qualitativa, são contrários e podem ser concomitantes. Cada um desses termos contrata uma relação privativa, que entra em contradição com o termo que é definido pela ausência desse traço. Após produzir as relações contrárias e contraditórias, mantém-se um dos dois contrários em oposição ao contrário a partir do qual ele foi projetado, caracterizando uma operação de asserção, que tem com conseqüência o caminho inverso, constituída por uma relação de complementaridade e a operação que as constitui é uma implicação. Ou seja, o masculino é oposto ao feminino contradiz com o não-masculino e implica no não-feminino, que por sua vez está em asserção com o masculino.

Essa representação visual serve “como uma luva” para estabelecer a relação entre proletários e burgueses. Marx relacionou a burguesia com o capitalismo e essa é a condição existente, contra a qual os proletários devem lutar por meio do Socialismo. A teoria está toda baseada nessa relação fundamental existente. Vale ressaltar que os autores incluem os pequenos burgueses no proletariado. Inserindo no mesmo esquema da figura 1 (acima), substitui-se “masculino” e “feminino” por “proletários (comunistas)” e “burgueses (capitalistas)”, cujos termos contraditórios seriam “não-burgueses e não-proletários”.

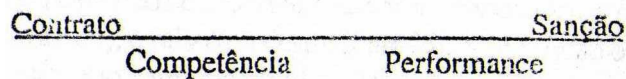
Com as relações básicas estabelecidas, passamos para o nível narrativo.

A narratividade é o encadeamento ordenado das situações e das ações que atravessa tanto as frases quanto os parágrafos, tanto os planos como as seqüências; é a versão dinamizada daquilo que se passa no nível profundo. As relações aí se tornam faltas ou perdas, aquisições ou ganhos; as transformações tornam-se performances e os operadores destas transformações tornam-se sujeitos. (FLOCH, 2001, p.22)

Portanto, o nível narrativo é definido pela relação entre sujeito e objeto, constituída de um estado de ser com um estado de fazer. Forma-se o PN – Programa Narrativo. Assim, na narratividade jogam-se a natureza dos objetos em circulação com a das transformações. No caso do Socialismo, um dos sujeitos é formado pelo proletariado. Seu estado de ser é a classe mais baixa da sociedade, a dos oprimidos. Os sujeitos “vilões” são os burgueses, que submetem os trabalhadores a péssimas condições de vida e mantêm seu domínio e seu afortunamento sobre a sociedade cada vez mais desigual. Este é o enunciado de estado. Os operários buscam o fim da divisão da sociedade em classes e por conseqüência uma vida com mais igualdade. Portanto, o objeto em circulação é a ideologia comunista, baseada na luta de classes.

Existem duas formas de representação para esse nível: o esquema narrativo e o modelo actancial. O esquema narrativo está articulado em torno da performance do sujeito e da competência dele, em função de um contrato prévio. O sujeito, dessa forma, é o objeto de uma sanção positiva ou negativa, desde que sua performance esteja de acordo com o contrato.

Figura 2: Esquema Narrativo

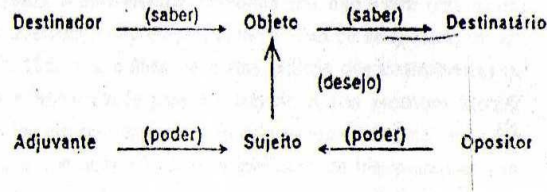


FONTE: FLOCH (2001, p. 23)

A ideologia marxista é o contrato que deve ser preenchido pelos operários, que são os sujeitos. A competência é a revolução, a luta de classes para a transformação da sociedade. A performance é a maneira como se dará esse processo de transformação: se realmente, ao chegarem ao poder os proletários determinarem a distribuição da renda e o fim da propriedade privada, a sanção será positiva, o que não ocorreu na URSS, quando Stálin assumiu o governo e rompeu o contrato, levando a resultados desastrosos.

Já no modelo actancial, o que conta é a organização relacional das personagens, os actantes.

Figura 3: Modelo Actancial



FONTE: CAMATTI, 2008

Um sujeito deseja um objeto, é assistido por um adjuvante e tem que lutar contra um opositor. O objeto se encontra entre um destinator que fornece o objeto ao sujeito e um destinatário, que recebe esse objeto do sujeito.

Nesse modelo, o proletariado exerce três funções: é o sujeito que busca o objeto, o destinator que possui esse objeto e o destinatário. O objeto é o sistema socialista. O opositor é a burguesia, que quer impedir o sujeito de alcançar o objeto, e o adjuvante é a Liga dos Comunistas, a base que impulsiona os trabalhadores a uma revolução que deve ser provocada e em seguida desfrutada por eles mesmos.

Finalmente, chegamos ao nível discursivo, onde as estruturas narrativas “são colocadas em um universo fictício para, em seguida, reatá-lo, à mesma instância com a intenção de fazer crer em sua realidade” (FLOCH, 2001, p.27). Colocar em discurso é transformar, nesse mundo imaginário, o percurso narrativo em um percurso temático, e depois em um percurso figurativo. O objetivo final do percurso gerativo de sentido é extrair os papéis temáticos dos atores, ou seja, identificar os temas existentes no texto, além de situar o percurso figurativo, onde são empregados recursos discursivos, como o tempo, o espaço e a transformação dos atores.

Desse modo, podemos identificar no Manifesto Comunista temas como modos de produção, divisão de classes, sistemas adotados ao longo da História, desigualdades sociais, revolução, organização econômica da sociedade, etc. Todos originados da relação opressores X oprimidos, que ganhou outro nome: burgueses X proletários. O personagem principal – o proletário – cumpre o papel temático de herói, pois é aquele que possibilita a riqueza aos burgueses, que sofre com as desigualdades e que precisa de uma vida melhor, representada no Socialismo, que deve ser alcançado através de uma revolução e um trabalho duro posteriormente para garantir que a humanidade possa seguir finalmente com paz e igualdade, desfrutando da certeza de que todos desfrutam de boas condições de sobrevivência. Todo esse trajeto que parte do ator temático constitui um percurso visível em nossas mentes, que é o figurativo.

5. Análise Semiótica dos Signos Socialistas



Após uma análise sobre o comunismo em sua raiz, por meio do Manifesto Comunista, parte-se agora para o estudo de alguns significados atribuídos à ideologia nos dias atuais. Para obter informações desse porte, realizou-se entre os dias 12 e 18 de maio de 2009 na Universidade de Caxias do Sul uma pequena pesquisa de opinião com vinte e cinco alunos do curso de Comunicação Social, homens e mulheres com idades entre dezoito e trinta anos, que responderam a única e seguinte pergunta: “Para você, o que significa o Socialismo”? Como os resultados se deram por figuras, aplica-se a classificação dos signos proposta por Peirce. Ao considerar o Socialismo como o objeto em questão, buscou-se um *representâmen*, conseqüentemente um interpretante, formando assim a relação triádica que compõe o signo.

Os principais *representâmens*, apontados por vários entrevistados, foram os seguintes:

Quadro 1: Análise Semiótica de *Representâmens* Socialistas.

REPREEN - TÂMEN APONTADO	MOTIVOS PARA A ASSOCIAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO SÍGNICA (DE ACORDO COM CHARLES S. PEIRCE)
FIDEL CASTRO	De fato, existem motivos para associar Fidel com o Socialismo. Conhecido como o ditador de Cuba, foi o líder de uma revolução ocorrida na ilha em 1959, decorrente também das péssimas condições de vida do povo, que estava submetido aos interesses norte-americanos desde 1901. Sendo vitorioso, Fidel assumiu o governo do país, adotando como medida imediata a nacionalização de usinas, indústrias e refinarias, o que feriu os EUA, que romperam as relações com Cuba e procuraram isolar a nação. Assim, o novo governo passou a negociar com os países	Fidel Castro é, portanto visto, no caráter de secundidade, como um <i>índice</i> , um <i>dicissigno</i> e um <i>sinsigno</i> . Ou seja, é um indício (falso) de socialismo, é algo real e que nos remete a confirmar a veracidade.



	socialistas.	
ADOLF HITLER	A única razão para ligar Hitler ao comunismo se deve ao fato de ele ser inicialmente líder do NAZI, ou Partido Nacional Socialista. Essa figura fanática queria chegar ao poder de qualquer forma, e para isso criou uma ideologia que, entre tantos conceitos, defendia o poder totalitário do Estado e que este estivesse acima de todas as coisas. Por ter agradado aos capitalistas, Hitler chegou ao poder. Uma das inúmeras ações (ou desgraças) praticadas pelo ditador foi a perseguição aos comunistas. Ou seja, de socialista, somente o nome.	Essa figura também é concebida no nível da secundidade, classificado como <i>índice, sinsigno e dicissigno</i> .
O INVERSO DE “COCA-COLA”.	As marcas “Coke” e “Coca-cola” estão presentes em todos os lugares do mundo. A poderosa fabricante de bebidas possui uma das marcas mais valiosas existentes, e sua disseminação pelo planeta, ligada à globalização, é reflexo do sistema capitalista. Além disso, a marca “Coca-cola” tem um valor embutido por si só, independente do produto oferecido, já que o fato de consumir a bebida “dá” ao indivíduo <i>status</i> social, outra característica do Capitalismo, semelhante em marcas como “Nike” e “McDonalds”.	A poderosa marca de refrigerantes é identificada como <i>símbolo</i> do sistema capitalista, oposto ao Socialismo, não deixando de ser um <i>argumento</i> e um <i>sinsigno</i> . A Coca-cola foi concebida no nível da terceiridade, com uma interpretação profunda do signo.
PSB, PSDB, PT, PC do B, etc.	Assim como Hitler, os partidos políticos simplesmente colocaram os termos “socialista”, “comunista” e “trabalhador” em suas siglas sem que nunca tivessem o objetivo de instalar uma revolução socialista e acabar com o Estado. Todos defendem o	Essa concepção se dá de maneira imediata, e, portanto está no nível da primeiridade. Os partidos políticos



	capitalismo e são instrumentos de manutenção do sistema.	foram considerados <i>ícones</i> dessa ideologia, onde ela existe. Por consequência, é um <i>qualisigno</i> e uma <i>rema</i> para quem o interpretou dessa forma.
MURO DE BERLIM	Trata-se de um muro construído na década de 60 para simbolizar a separação do mundo entre capitalistas e socialistas. Não é exatamente um símbolo do comunismo, mas da Guerra Fria certamente. Nessa concepção, o Socialismo é visto como o método atrasado que precisa ser preso entre muralhas, para que o capitalismo não fique negativamente influenciado.	A concepção ocorre no nível da terceiridade, embora se refira ao objeto errado. Além de <i>símbolo</i> , também é um <i>sinsigno</i> e um <i>argumento</i> .

Além destes significados, o Socialismo foi lembrado também como sinônimo de *método ultrapassado, liberdade, povo extremista, anarquia e igualdade*.

6. Encontros e Desencontros das Análises Semióticas

O resultado mais explícito e significativo gira em torno do Manifesto Comunista. Marx é um autor muito discutido e comentado, mas pouco estudado. As interpretações imprecisas do comunismo foram e até hoje são espalhadas pelo mundo. Os poucos que se dispõem a estudar a obra o fazem pelo espectro de outras ideologias. A imagem existente hoje acerca da doutrina parte apenas de interpretações mal-feitas, ou até mesmo induzidas. Vale ressaltar que também o mau uso do termo, inclusive por partidos políticos, e o mau uso da teoria, como fez Stálin (fato explicado pela semiótica) colaboram para um sentido tão distante do inicial.

Através do percurso gerativo de sentido, ficou bem clara a intenção do autor, bem como os temas realmente abordados, os verdadeiros objetivos e as principais



relações entre os atores, por meio do próprio texto. O Manifesto Comunista não incita à ditadura, tampouco busca a simples tomada do poder. Através de uma estrutura simples e bem encadeada, onde está explícita a luta entre opressores e oprimidos, o objeto de desejo é a igualdade.

Porém, analisar as concepções atuais tornou-se surpreendente, já que os signos apontados são completamente antagônicos, o que demonstra a falta de conhecimento ou o conhecimento falso que é dado como verdadeiro, já que grande parte dos *representâmens* foi concebida no nível de concepção da secundidade.

Assim, o objetivo proposto foi plenamente alcançado, provando que a semiótica pode sim ser um método dotado de pureza, e que o Socialismo deve voltar aos debates por trazer significativas contribuições para o estudo da sociedade.

7. Considerações Finais

É bem verdade que a Semiótica ainda está em seus primeiros passos como ciência e nos parece tão abstrata. No entanto, viu-se que é possível utilizá-la como método para análise de ideologias diversas. Nesse artigo, foram empregados apenas dois dos vários teóricos disponíveis, o que mostra uma infinidade de ações possíveis.

A experiência deu bons frutos, já que provou o potencial da Semiótica, e, além disso, serviu para aprofundar o conhecimento acerca do Socialismo, que foi o objeto aqui utilizado para chegar a esse objetivo. Mais do que isso, serviu também para o esclarecimento de várias dúvidas existentes sobre a ideologia, sendo possível ver a doutrina de uma forma simplificada, porém complexa.

Ficam recomendações do seu uso no meio acadêmico para fins semelhantes a esse. A Semiótica tem ainda muito a desenvolver e a melhor maneira de enriquecê-la é pondo as teorias em prática, pois é somente desse modo que é possível conhecer o que está certo e o que está errado na ciência, além de apontar o que ainda precisa ser estudado e desenvolvido.

REFERÊNCIAS

- BRITO, E., EVANGELISTA, U. MELO, D., *L'Oreal Paris: uma investigação greimasiana*. Disponível em recantodasletras.uol.com.br/artigos/783567 Acesso em 12/04/2009;
- BOULOS Jr., Alfredo. *História geral: Moderna e Contemporânea*, v.2. Ed. renovada. São Paulo: FTD, 1997;



CAMATTI, Tassiara Baldissera. *Polígrafo de Teoria da Comunicação II*. 2009.

CENEP – *Semiótica: perguntas e respostas*. Disponível em <http://www.pucsp.br/pos/cos/cepe/semiotica/semiotica.htm>. Acesso em 17/05/2009;

COSTA, Luciano. *Das Fábricas à Universidade*. Revista *Discutindo Filosofia*. São Paulo: Educacional, 2009;

FLOCH, Jean-Marie. *Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral*. Documentos do Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001;

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 6.ed – tradução de Marco Aurélio Nogueira – Petrópolis: Vozes, 1988;

OLIVEIRA, Pêrsio S. *Introdução à Sociologia: Série Brasil*. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004;

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2004;

TÉCNICAS Psicoterapêuticas. Disponível em <http://tecnicapsicoterapeuticas.vilabol.uol.com.br/semiologia.html>. Acesso em 24/05/2009;

VICENTINO, Cláudio. *História Geral*. Ed. revis. e ampl. São Paulo: Scipione, 2002;

WIKIPEDIA – *Semiótica*. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Semi%C3%B3tica>. Acesso em 17/05/2009.